



## **DANOS PSICOLÓGICOS CAUSADOS PELA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER.**

Suiene Cristina Mendonça da Silva<sup>1</sup>, Vinícius Aguiar Alcântara da Silva<sup>2</sup>, Leila Maués Oliveira Hanna<sup>3</sup>

### ARTIGO ORIGINAL

#### **RESUMO**

**INTRODUÇÃO:** A violência doméstica contra a mulher (VDCM) é considerada atualmente um agravo de saúde pública por abranger uma parcela significativa de vítimas e causar vários danos para a saúde física, mental e consequentemente afetar diretamente na qualidade de vida dessas mulheres. **OBJETIVO:** Identificar os danos psicológicos causados pela violência doméstica contra a mulher. **METODOLOGIA:** A pesquisa foi desenvolvida com abordagem quantitativa, transversal e descritiva, no qual os dados foram coletados dos questionários preenchidos pelas 5 psicólogas que atenderam no local de pesquisa durante o período de estudo escolhido. **RESULTADOS:** Após a análise dos dados coletados foi possível identificar através das profissionais os danos psicológicos apresentados pelas vítimas, sendo eles: ansiedade, insônia, baixa autoestima, depressão, medo, insegurança, crises de pânico, dependência emocional, isolamento social, transtorno do estresse pós-traumático e transtornos alimentares. **CONCLUSÃO:** Verificou-se que a VDCM afeta várias mulheres e causa danos psicológicos que prejudicam a saúde e a vida.

**Palavras-chave:** Danos Psicológicos; Saúde da Mulher; Violência Doméstica.

## **PSYCHOLOGICAL HARM CAUSED BY DOMESTIC VIOLENCE AGAINST WOMEN**

### **ABSTRACT**

**INTRODUCTION:** Domestic violence against women (DVW) is currently considered a public health problem because it covers a significant portion of victims and causes various damages to physical and mental health and consequently directly affects the quality of life of these women. **OBJECTIVE:** To identify the psychological damage caused by domestic violence against women. **METHODOLOGY:** The research was developed with a quantitative, cross-sectional and descriptive approach, in which the data were collected from the questionnaires completed by the 5 psychologists who attended the unit during the chosen study period. **RESULTS:** After analyzing the data collected, it was possible to verify through the professionals the psychological damages presented by the victims, namely: anxiety, insomnia, low self-esteem, depression, fear, insecurity, panic attacks, emotional dependence, social isolation, post-traumatic stress disorder and eating disorders. **CONCLUSION:** It was found that VDCM affects several women and causes psychological damage that impairs health and life.

**Keywords:** Psychological Harm; Women's Health; Domestic Violence.

**Instituição afiliada** – 1 - Discente do Curso de Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Pará. 2 - Discente do Curso de Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Pará. 3 - Docente Efetiva da Universidade do Estado do Pará  
**3.Dados da publicação:** Artigo recebido em 25 de Junho, aceito para publicação em 22 de Julho e publicado em 05 de Agosto de 2023.

**DOI:** <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2023v5n4p338-351>

**Autor correspondente:** Suiene Cristina Mendonça da Silva [silvasuiene8@gmail.com](mailto:silvasuiene8@gmail.com)



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

## **INTRODUÇÃO**

A violência doméstica contra a mulher (VDCM) é considerada atualmente um agravo de saúde pública por abranger uma parcela significativa de vítimas e causar vários danos para a saúde física, mental e conseqüentemente afetar diretamente na qualidade de vida dessas mulheres<sup>1</sup>. É caracterizada de várias formas onde as vítimas vivenciam um cotidiano extremamente hostil e estressante. Esse contexto é a realidade de inúmeras pessoas que sofrem constantemente com ameaças, agressões físicas e verbais, coerção e até mesmo privatização arbitrária da liberdade, permanecendo no ciclo da violência, a qual inicia com a psicológica onde a parceira não consegue identificar de início e avança para a agressão física, causando muitos traumas e podendo levar ao feminicídio.

No contexto mundial, cerca de uma em cada três mulheres relata que já sofreu violência física, sexual ou psicológica<sup>2</sup>. No Brasil, de acordo com os dados do Mapa da Violência<sup>2</sup>, 41% das mortes de mulheres ocorreram dentro do meio domiciliar e em 68,8% dos casos a mulher relata que a violência ocorreu em seu próprio domicílio<sup>3</sup>, expondo uma percentagem elevada diante de um contexto atual no qual as vítimas ainda sentem medo ao denunciar, ou seja, essa porcentagem seria ainda maior se todas as mulheres realizassem o boletim de ocorrência.

É notório que ao longo da história as mulheres alcançaram conquistas extremamente importantes, porém ainda sofrem as conseqüências de uma estrutura patriarcal onde o homem confere maior poder, o que nas relações afetivas gera desigualdade e faz com que o agressor se sinta no direito de controlar a vida e as ações da companheira, questionar suas vestimentas, comportamentos e, a mulher confere a função social de cuidar do lar e gerar filhos, situação que legitima o homem a praticar a VDCM<sup>1</sup>. Esse contexto é marcado principalmente pela violência psicológica, por meio de humilhações em locais privados e públicos, ameaças, agressões verbais, cobranças exageradas e chantagens. Nesse sentido, a pesquisa teve como objetivo identificar os danos psicológicos causados pela violência doméstica contra a mulher e descrever o perfil das vítimas.

Diante disso, a pesquisa é de extrema importância para descrever quais são os danos psicológicos e traumas que as mulheres desencadeiam durante o ciclo da VDCM e



contribuir para o avanço do conhecimento sobre a temática.

## **METODOLOGIA**

Respeitando as normas éticas estabelecidas pelo Código de Nuremberg, pela Declaração de Helsinque e pelas Normas de Pesquisa envolvendo Seres Humanos (Res. CNS466/12) do Conselho Nacional de Saúde, a pesquisa teve início após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética e Pesquisa e autorização concedida da Fundação PARÁPAZ e da Unidade ParáPaz-Mulher DEAM. Aos profissionais que participaram da pesquisa foi aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A pesquisa foi desenvolvida com abordagem quantitativa, transversal e descritiva, na Unidade Pará Paz-Mulher DEAM, localizada na Tv. Mauriti, 2394–Marco, Belém-PA, no período de agosto de 2021 a dezembro de 2022. A população amostral selecionada foram as cinco psicólogas que prestam atendimento psicológico regular às vítimas vinculadas na unidade. A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário desenvolvido pelos autores da pesquisa.

O questionário foi formulado em duas etapas, no qual a primeira etapa abrangeu sete perguntas relacionadas a VDCM, as quais foram: 1) Diante das informações obtidas nos atendimentos com as vítimas, é possível identificar se a violência doméstica contra a mulher causa danos psicológicos nas mulheres atendidas? 2) Durante as consultas, as vítimas relatam a ocorrência de ameaças pelo agressor mesmo após a formalização da denúncia? 3) Quais são os principais danos psicológicos evidenciados durante as consultas com as vítimas? 4) De modo geral, quanto tempo as vítimas atendidas permaneceram no ciclo de violência? 5) Quais são os tipos de violência mais relatados pelas mulheres? 6) De modo geral, as vítimas dependem financeiramente do agressor? 7) Quantas vítimas são atendidas semanalmente?

A segunda etapa foi elaborada com quatro perguntas para obter dados sobre o perfil das mulheres atendidas, as quais foram: 1) Em média, qual é a faixa etária das vítimas atendidas? 2) Qual a raça/cor predominante entre as mulheres atendidas? 3) Qual nível de escolaridade predominante entre as mulheres? 4) As vítimas residem

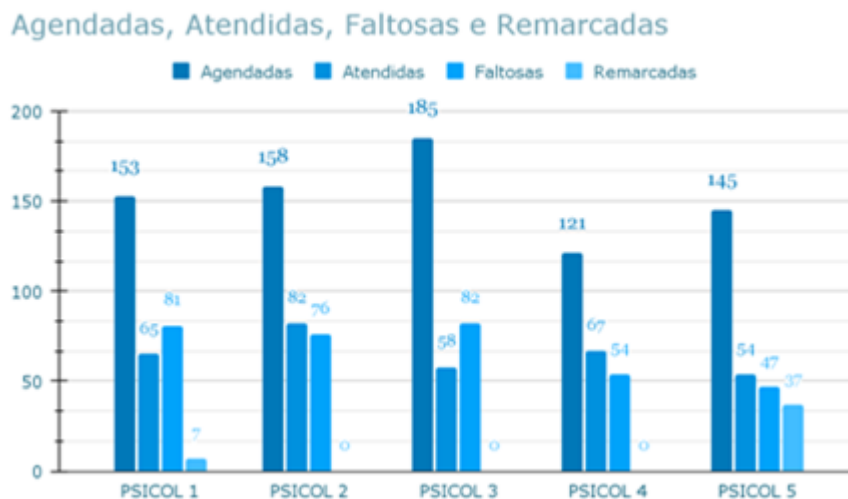
predominantemente em bairros periféricos ou centrais?.

Para elaborar a pesquisa, estabeleceu-se os critérios de inclusão e exclusão necessários, no qual o critério de inclusão foram as psicólogas que realizam atendimento às vítimas na Unidade ParáPaz-Mulher DEAM e os critérios de exclusão foram os profissionais que, por alguém motivo, não prestaram atendimento regular às vítimas no período em que ocorreu o desenvolvimento da pesquisa. Por fim, após a coleta de dados feita a partir dos questionários, as informações foram organizadas pelos autores e armazenadas com o auxílio dos softwares Microsoft Excel 2016 e Microsoft Word 2016, os quais foram utilizados para construção dos resultados, dos gráficos e da tabela.

## RESULTADOS

Entre o período de janeiro a março, foram feitos 762 agendamentos para atendimento psicológico na unidade Pará Paz-Mulher DEAM. Os números absolutos desses agendamentos estão disponibilizados no gráfico 1 e estão subdivididos de acordo com cada psicóloga que realiza atendimento na unidade.

**Gráfico 1: Números absolutos de mulheres agendadas, atendidas, faltosas e remarcadas por psicólogas.**



Fonte: autores.

Após a verificação e levantamento dos dados, foi possível detectar que as vítimas sofrem danos psicológicos como mostram os gráficos a seguir e sofrem ameaças mesmo

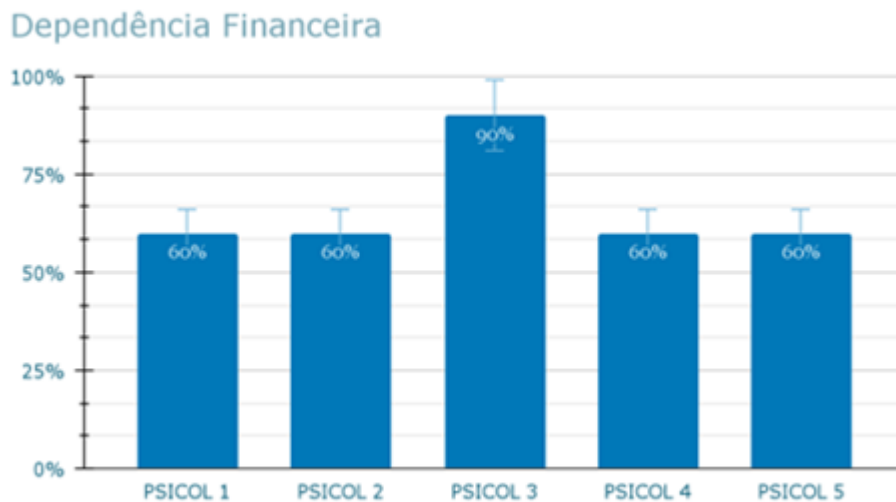


após o término, permanecem por mais de cinco anos no ciclo de violência e dependem financeiramente do agressor.

Das 326 mulheres que de fato compareceram para atendimento, as cinco psicólogas encontraram indícios de danos psicológicos em 100% dos casos. De acordo com as profissionais, durante a fase de violência ou até mesmo após a formalização da denúncia é evidente que essas mulheres ainda são ameaçadas de maneira física e psicológica, principalmente quando a denúncia é formalizada no Pará Paz-Mulher DEAM.

Ao aplicar a pergunta sobre a permanência das vítimas com os agressores, as psicólogas responderam que das 326 mulheres atendidas, 100% delas permaneceram mais de 5 anos com seus agressores. Sendo estes namorados, maridos ou companheiros fixos; os fatores que levavam a permanência dessa convivência foram: dependência financeira, falta de moradia fixa, existência de filhos com o agressor, reprovações por parte dos familiares e outras características.

A dependência financeira foi a responsável pela permanência com os agressores na maioria dos casos conforme apresentado abaixo no gráfico 2. Grande parte das mulheres vivem para cuidar dos filhos e do lar, não exercendo nenhuma atividade remunerada. É relatado pelas profissionais que as vítimas buscam por uma independência financeira durante a fase da violência, porém os companheiros acabam interferindo para que a mulher continue exercendo apenas as funções domésticas.

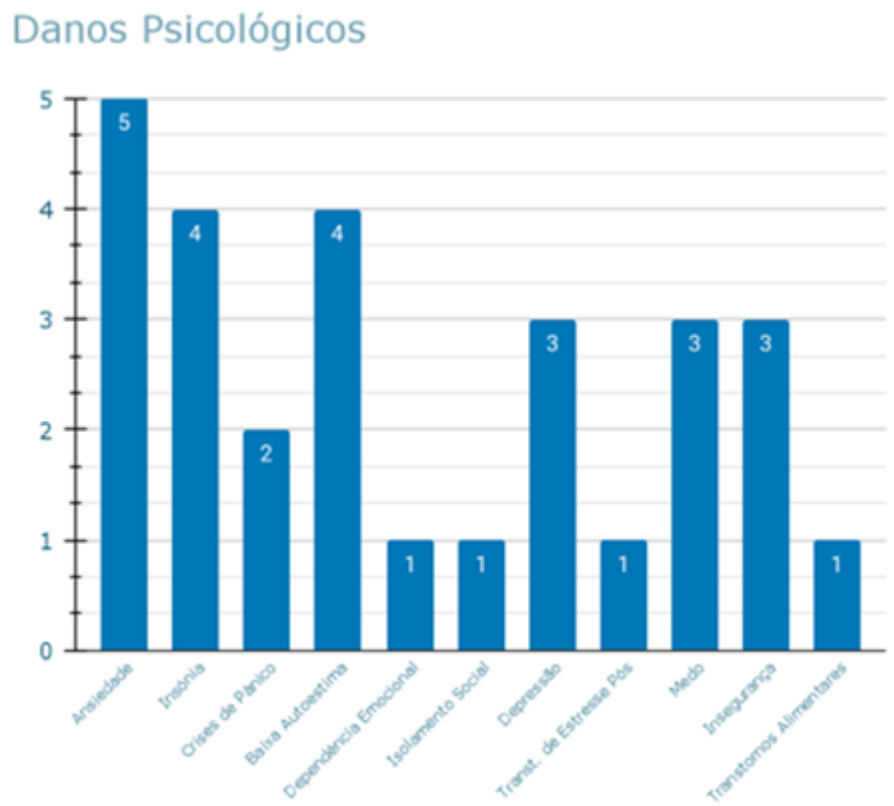
**Gráfico 2: Dependência Financeira das Mulheres sobre os Maridos.**

Fonte: autores.

Ao buscar os principais tipos de violência, as profissionais responderam que as predominantes são: psicológica, moral e física. Com base nos resultados adquiridos observamos que as psicólogas 1, 3, 4 e 5 relataram 100% da predominância de todas as violências, sendo elas: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. Apenas a psicóloga 2 não relatou a violência moral como predominante.

De acordo com a resposta das profissionais, os principais tipos de danos psicológicos causados pela violência doméstica são: ansiedade, insônia, crises de pânico, baixa autoestima, dependência emocional, isolamento social, depressão, estresse pós-traumático, medo, insegurança e transtornos alimentares. O dano mais citado pelas psicólogas diante do formulário foi a ansiedade, apontada em 100% pelas profissionais como a principal doença diagnosticada.

**Gráfico 3: Os danos psicológicos mais citados pelas psicólogas.**



Fonte: autores.

Nas perguntas referentes ao perfil social das vítimas, observa-se que a faixa etária das mulheres atendidas apresenta uma variação, de acordo com as respostas das psicólogas que realizam os atendimentos, com a predominância da faixa etária de 30 a 50 anos. Todas as psicólogas relataram a predominância de mulheres com ensino médio completo, raça parda e predominância de residência em bairros periféricos, como mostra a tabela abaixo:

**Tabela – Perfil Social das Mulheres Vítimas de Violência Doméstica.**

<b>Psicólogas</b>	<b>Faixa Etária</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Raça</b>	<b>Bairros (periféricos ou centrais)</b>
Psicóloga 1	17 a 75 anos	Ensino médio completo	Parda	Periféricos
Psicóloga 2	30 a 50 anos	Ensino médio incompleto	Parda	Periféricos
Psicóloga 3	30 a 70 anos	Ensino médio completo	Parda	Periféricos
Psicóloga 4	21 a 75 anos	Ensino médio completo	Parda	Periféricos
Psicóloga 5	30 a 50 anos	Ensino médio	Parda	Periféricos





		completo		
--	--	----------	--	--

Fonte: autores.

## **DISCUSSÃO**

Várias pesquisas discutem sobre a permanência da mulher no ciclo da violência e como isso colabora para o surgimento dos danos psicológicos, no qual é evidenciado tanto na literatura quanto nos resultados que as mulheres desencadearam algum tipo de transtorno proveniente da violência, sendo os principais: ansiedade, insônia, crises de pânico, baixa autoestima, depressão, estresse pós-traumático, transtornos alimentares, dependência emocional e financeira. Os estudos citam também o suicídio como um dos danos psicológicos mais evidenciados entre as vítimas<sup>4</sup>.

Os dados mostram que 44,6% das mulheres não compareceram nos dias marcados para o atendimento no Pará Paz-Mulher DEAM, o que está diretamente relacionado com as ameaças sofridas mesmo após a formalização da denúncia e o acompanhamento na unidade, onde as mulheres ainda sentem medo e são coagidas por parte do agressor, o que faz com que elas interrompam o acompanhamento com o profissional. Existe ainda a retomada para o relacionamento abusivo, onde a dependência emocional e financeira são os principais motivos. Uma das características mais predominantes é a normalização da prática, contribuindo de forma significativa para a codependência (dependência física e/ou psicológica) para a permanência na relação e consequentemente no ciclo de violência<sup>5</sup>.

Dentre os fatores que colaboram para essa permanência é possível evidenciar ainda a predominância do desequilíbrio de poder no qual a mulher torna-se cada vez menos independente e protagonista da sua própria vida, se tornando incapaz de viver sem a presença do abusador. A intermitência do abuso gera a falsa expectativa de que o homem pode mudar o seu comportamento, dificultando assim o rompimento<sup>5</sup>.

Essa dependência financeira é uma importante causa na prática da violência, onde é evidenciado que as vítimas não possuem uma fonte de renda e dependem exclusivamente do parceiro. Nesse sentido, é enfatizada a falta de políticas públicas voltadas para a inserção da mulher no mercado de trabalho, visto que a Lei n° 11.340\2006, conhecida como Lei Maria da Penha, foca em ações voltadas somente para a proteção das vítimas e punição dos agressores, no qual não é possível identificar



mecanismos focados para a emancipação dessas mulheres<sup>6</sup>. A maioria das vítimas permanecem por anos nesse contexto, sendo citados vários motivos que colaboram para isso, como a reprovação familiar, falta de apoio e acolhimento. Existem ainda os casos em que as mulheres denunciam com a tentativa de minimizar e até mesmo resolver a prática da violência, e não com a intenção de romper de fato a relação, reatando o relacionamento e se expondo mais uma vez aos riscos<sup>7</sup>.

O perfil das vítimas se configura como um importante meio para identificar as mulheres mais acometidas pelo agravo. Nesse sentido, é possível identificar com a pesquisa feita que a maioria delas possui somente o ensino médio completo, o que dificulta significativamente o ingresso no mercado de trabalho justamente pela falta de qualificação profissional. Nota-se ainda a predominância das mulheres residentes em bairros periféricos, com faixa etária entre 15 a 75 anos.

É preciso considerar ainda as mulheres analfabetas, pois essas podem apresentar maiores dificuldades de identificar a violência causada pelo parceiro íntimo principalmente a psicológica, visto que o conhecimento é limitado e pode dificultar a identificação<sup>8</sup>. Diante das leituras realizadas, percebe-se que o perfil pode variar em algumas regiões do país, onde alguns estudos citam a prevalência entre 25 a 55 anos, no qual a raça predominante é preta<sup>8</sup>. Além disso, a violência doméstica não está restrita a um perfil específico de mulheres, é um agravo que acomete todas as classes sociais, faixas etárias e raças<sup>9</sup>.

Nesse contexto de VDCM as vítimas são silenciadas, negligenciadas e oprimidas tanto pelos agressores quanto pela sociedade quando a fala e depoimento da mulher são colocados em dúvida, o que corrobora para que elas se silenciem por não serem ouvidas e acolhidas, enquanto os agressores continuam praticando o ato com o pensamento de que não terá consequências. Existem teses, em vários estudos, de que a permanência da mulher nesse contexto está diretamente relacionada com o fato de não ter uma rede de apoio segura<sup>10</sup>.

Com a cultura do patriarcado enraizada na sociedade, as violências sofridas pelas mulheres foram normalizadas em vários cenários. No entanto, a atual sensibilização mostrou as consequências desses atos deploráveis, sobretudo, quando há um aumento dessa ferocidade contra companheiras, filhas, e até mesmo mães. Perante essas perspectivas, é reforçada a importância do debate sobre a temática, visando ressaltar os



malefícios desses trágicos episódios<sup>11</sup>.

Conforme o tema escolhido percebe-se uma facilidade no acesso à literatura, visto que existem vários estudos focados nesse contexto de violência. Entretanto, ao tentar adequar um questionário à população amostral escolhida inicialmente, que foram as mulheres vítimas, encarou-se a limitação de contato com elas, principalmente para a proteção do anonimato e da vida, o que fez com que a população da amostra fosse alterada, focando nas psicólogas para a obtenção dos dados para o preenchimento dos questionários. Contudo, a pesquisa fica à mercê da confidencialidade entre profissional e paciente, onde as informações podem ou não chegar em sua forma verídica.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante do exposto, evidencia-se que a VDCM, no contexto atual, afeta muitas mulheres, causando danos psicológicos que são prejudiciais tanto para saúde como para a vida, onde muitas não conseguem seguir em frente justamente pelos traumas causados. Ao emergir os questionamentos em relação ao agravo, é possível identificar que o número total de vítimas atendidas no Pará Paz-Mulher somente no período da pesquisa é consideravelmente grande, apontando um problema de saúde pública que só aumenta em números, configurando como principais agressões: física, psicológica e moral, onde todas as vítimas, sem exceção, desencadearam algum tipo de transtorno psicológico.

É possível identificar que mesmo após a denúncia formalizada, as vítimas continuam sofrendo ameaças por parte do agressor, o que coloca a vida dessas mulheres em risco. Nesse contexto, observa-se a falta de eficiência da lei no que diz respeito à proteção dessas vítimas, visto que o responsável continua violentando e consequentemente causando danos psicológicos a essas mulheres. Essa falta de eficiência faz com que esse seja um dos motivos para que a vítima volte para o ciclo de violência.

Nesse sentido é notória a falta de políticas públicas efetivas e de amparo governamental no que diz respeito ao contexto em que elas estão inseridas, onde se faz necessárias ações que possibilitem a emancipação dessas vítimas. Um meio significativo e viável de amparo para essas mulheres é evidenciado no Pará Paz-Mulher DEAM, local



em que a pesquisa foi realizada, onde é possível observar que a unidade realiza o acompanhamento de modo integral dessas vítimas, tentando minimizar esses danos psicológicos e conseqüentemente objetivando a inserção delas na sociedade após o término da relação abusiva.

## REFERÊNCIAS

1. Amarijo CL, Gonçalves NGC, Figueira AB, Minasi ASÁ. Relações de poder nas situações de violência doméstica contra a mulher: tendência dos estudos. *Revista Cuidarte*. 2020. 11(2). E1052.
2. Waiselfisz JJ. Mapa da Violência 2015: Homicídios de mulheres no Brasil. Flasco Brasil. Brasília DF, V 1, 1 Edição. P 42, 2015.
3. Silva DC, Gomes VLO, Fonseca AD, Gomes MT, Arejano CB. Representação da violência doméstica contra a mulher: comparação entre discentes de enfermagem. *Rev. Gaúcha Enferm.* 2018;39:e63935.
4. Arboit J, Costa MC, Silva EB, Colomé ICS, Prestes M. Violência doméstica contra mulheres rurais: práticas de cuidado desenvolvidas por agentes comunitários de saúde. *Saúde Soc. São Paulo*, v.27, n.2, p.506-517, 2018.
5. Lima KCM, Rocha MM, Gurian ML, Pucci SHM. Consequências psicológicas da violência doméstica sofrida por mulheres: uma revisão bibliográfica. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*. São Paulo, v.8.n.01.jan. 2022.
6. Marques BOM, Erthal RMC, Girianelli VR. Lei Maria da Penha: uma análise crítica à luz da criminologia feminista. *Saúde Debate*. RIO DE JANEIRO, V. 43, N. ESPECIAL 4, P. 140-153, DEZ 2019.
7. Tanski D, Neubauer VS, Silva LHS, Fernandes AS. Uma discussão acerca da influência do aspecto econômico na desvinculação de violência doméstica do agressor. *Revista Ilustração |CruzAlta|v. 3 |n. 1|p. 71-79 |2022.*
8. Gomes NP, Carneiro JB, Almeida LCG, Costa DSG, Campos LM, Virgens IR, et al. Permanência de mulheres em relacionamentos violentos: desvelando o cotidiano conjugal. *Cogitare Enferm.* [Internet]. 2022.
9. Oliveira LX, Paiva LD. Violência doméstica: um estudo com mulheres atendidas no centro de atenção psicossocial. *Cadesp*.v16i1.543. JAN. MAR. (2022) VOL. 16 N.1.
10. Ferraz BD, Silva SA, Simões IAR. Percepção da população feminina sobre a Lei Maria da Penha. *Enferm. Foco* 2020; 2020; 11 (4) 11 (4) 100-105.
11. Nunes AS, Nunes AS, Cabral MJ, Soares MV, Moura RF. Saúde mental da mulher em um contexto de violência doméstica e familiar,6, 123. DOI:<https://dx.doi.org/10.31533/pubsau6.a123>.
12. Andrade ARG, Souza TGP. O impacto da violência doméstica na vida da mulher que exerce o trabalho remoto em tempos de pandemia de covid-19.2021.